

Congresso Internacional dos Investigadores do Conto Popular

Com o aparecimento do primeiro número da revista *Fábula*, teve início, no plano internacional, uma série de realizações tendentes a impulsionar e a organizar, em todo o Mundo, a investigação sistemática do conto popular.

Dentro do que fora programado, começou em Kiel, em 19 de Agosto de 1959, o *Internationaler Kongress der Volkserzahlungsforscher* que viu os seus trabalhos encerrados em Kopenhagen, no dia 29 do mesmo mês. Nele participou, a convite do Prof. Dr. Kurt Ranke, o autor da presente notícia como representante do Instituto de Investigação Científica de Angola.

Atendendo à importância do acontecimento e à situação da investigação daquele sector da Cultura em Portugal, hei por bem fazer um relato circunstanciado do mesmo, marginando-o com os comentários que me parecerem oportunos.

I — SOBRE A SITUAÇÃO DA INVESTIGAÇÃO DO CONTO POPULAR EM PORTUGAL

Todo o investigador que aprofundou a cultura popular portuguesa teve ocasião de verificar que o conto (nas suas múltiplas espécies: *conto*, *estória*, *fábula*, *mito*, *conto jocoso*, etc.), é um dos seus elementos constitutivos mais importantes. Mas a par dessa constatação, uma outra o deve ter impressionado: a de que, tirante as colecções de Teófilo Braga, de Adolfo Coelho, Afáide de Oliveira, Consiglieri Pedroso, Leite de Vasconcelos e Tomás Pires, pouco mais há que não sejam modestas contribuições para o estudo daquele elemento cultural. Mas a isto junta-se ainda o facto de aqueles Autores (embora muito respeitáveis) terem subordinado a sua investigação a cânones teóricos que hoje se consideram ultrapassados. Na verdade não atenderam à personalidade individual e social de quem conta, nem ao modo nem ao local como e onde se conta. Inclínados mais para o lado genético do conto não consideraram aquele como sendo o elemento de uma cultura *hic et nunc*. A investigação sistemática de áreas e complexos culturais foi desprezada. O conto interessou-lhes como elemento da cultura de um determinado *status* social, não como ingrediente da *Tradição*, esse ambiente que acompanha todo o ser humano seja qual for o tipo e a qualidade do vestuário que use. A problemática dos contactos de cultura foi ignorada e não se tentou qualquer espécie de interferência, através daquele elemento

da cultura, da personalidade moral do povo português. Não se fez uma sistematização rigorosa. E esta é importantíssima, pelo menos para aqueles que vêm interesse em ser aplicada ao conto uma espécie de matemática.

Se nada disto foi feito no que toca às principais colecções, muito pior é a situação das milhentas pequenas contribuições. Na verdade, estas são um mundo que se torna difícil coordenar dado o facto de se encontrarem dispersas por variadíssimas revistas e livros. Passa-se com o conto o mesmo que sucede com outro elemento cultural: as adivinhas.

Nestes termos, atendendo ao que vi e ouvi, à circunstância de ter sido o único delegado português e à realidade metropolitana, suponho ser minha obrigação anunciar alguns dos princípios que me parece deverem nortear o futuro estudo sistemático do conto popular em Portugal.

O primeiro princípio a ter em conta será o da necessidade do inventário de tudo que foi publicado até hoje no nosso País sobre este assunto.

E com a palavra *tudo* quero significar que se deve atender às próprias versões a que o autor imprimiu uma forma literária. Na verdade, estas, embora deturpadas, fornecem sempre pistas muito úteis.

Em segundo lugar, deverá fazer-se a classificação das espécies de acordo com as obras de Antti Aarne e de Stith Thompson. Simultaneamente tentar-se-á fazer a sua distribuição cartográfica e averiguar-se-ão os possíveis complexos culturais. Imediatamente se fará também a história crítica da investigação do conto popular em Portugal e a definição, tão exacta quanto possível, dos diferentes tipos de contos.

Uma vez na posse de todos aqueles elementos, deverá iniciar-se, à semelhança do que se faz na Roménia e em outros Países, a pesquisa sistemática, mediante fita magnetofónica, por todo o País das imensas espécies que até hoje ainda não foram recolhidas. Esta terá de se subordinar a uns tantos princípios para que, ao fim de tanto trabalho, se não chegue à conclusão de que metade ficou por fazer.

O primeiro grande princípio será o de que se deve atender não só ao que se conta, mas também a quem conta, como e onde se conta. Na verdade a cultura não é abstracta; existe porque o Homem existe. Por outro lado deverão registar-se não só as variantes mas também as constantes. Efectivamente, um bom atlas etnográfico ou uma boa investigação não dispensam a anotação destas. Em terceiro lugar, considerar-se-á que não só a classe social *povo* mas também todas as outras classes sociais são

passíveis de Etnografia. Nestes termos, a investigação sistemática deverá desenrolar-se em todos os escalões da pirâmide social. Como quarto princípio, é de salientar que os contos deverão ser considerados não só como *sobrevivência* de estados culturais ultrapassados mas também como elemento de uma cultura que existe *hic et nunc*. Deste modo, para além do seu aspecto genético, interessará o conto como sinal de possíveis contactos de cultura e como manifestação do Homem vivendo no momento que passa.

Todo este trabalho pressupõe a constituição de um arquivo nacional, à semelhança do *Nordisk Institut for Folkedigtning*, no qual deverão abundar microfilmes e fitas magnetofónicas.

Uma vez classificadas as novas espécies de acordo com as obras de Anti Aarne e de Siith Thompson, poderá proceder-se à elaboração do catálogo do conto popular português. Este deverá conter não só as espécies tal como foram ouvidas, acompanhadas dos elementos decorrentes da enunciação dos princípios expostos mas também a sua tradução numa das três línguas europeias: francês, inglês ou alemão.

Uma vez atingido este *desideratum*, terminou a função do etnógrafo que deverá ceder o passo ao etnólogo. A este competirá a interpretação dos elementos, o seu enquadramento na cultura portuguesa global. Nesta ordem de ideias, não deverá ele esquecer que a Cultura é una e que nela participa a própria cultura superior, o que implicará o estudo e a análise sistemática da literatura portuguesa.

II — CONGRESSO INTERNACIONAL DOS INVESTIGADORES DO CONTO POPULAR

A — *Actividades*

A actividade do Congresso Internacional dos Investigadores do Conto Popular dividiu-se em sessões culturais, exposições, digressões e leitura e comentário das comunicações. Digno de nota foi o diminuto número de recepções, sobretudo quando se o compara com o dos congressos que se realizam em Portugal.

Houve três exposições: uma de obras recentes da literatura especializada; uma outra com manuscritos, livros e desenhos de contos de fadas; a terceira versou a contribuição da Westphalie para o fundo dos contos populares alemães. Uma das sessões culturais foi dedicada à leitura de trechos das obras dos poetas Hermann Claudius, Friedrich Ernst Peters e Albert Mühl, a segunda foi preenchida com audição de música de câmara; na terceira foi representado o conto dramático de Chistian Jenssen *Die Gänsehir-*

tin am Brunnen; na quarta, realizada em Kopenhagen, foi representada a *Commedia dell'arte*. As digressões compreenderam a visita ao *Schleswig — Holsteinischen Landesmuseum*, ao *Museum für Vor und Frühgeschichte*, à *Schleswiger Dom* e ao *Schloss Glücksburg* e excursão à *Holsteinische Seenlandschaft*, visita à *Brauery Carlsberg* (Kopenhagen), excursão através de Kopenhagen e visita ao *Frilandsmuseum* (Kopenhagen).

Nas comunicações, lidas em alemão, francês e inglês, participaram cerca de setenta investigadores, representando vários Países, da Europa, América, Ásia e África.

CARLOS LOPES CARDOSO.

Lutuosa

Prof. Doutor A. A. Mendes Corrêa

O presente número da nossa Revista, órgão da *Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia* e, ultimamente também, do *Centro de Estudos de Etnologia Peninsular*, regista, com o maior desgosto, o falecimento em Lisboa, na madrugada de 7 de Janeiro de 1959, com quase 71 anos, do Prof. Doutor A. A. Mendes Corrêa, a cujos esforços, trabalho inteligente e vontade inquebrantável devemos a criação, com os Professores Aarão de Lacerda (Pai), Luís Viegas e Bento Carqueja, da Sociedade em 1918 e, no ano imediato, da Revista, em que tantos estudos da especialidade se têm publicado.

Diplomado, em 1911, pela antiga Escola Médico-Cirúrgica do Porto, de que foi aluno muito distinto, obtendo 19 valores na defesa da dissertação inaugural « O génio e o talento na Patologia », não quis, embora filho dum ilustre médico, desta cidade, enveredar pelo lucrativo exercício da clínica, mas, atraído pelos assuntos de Antropologia, Etnologia e Arqueologia, dedicou-se, com o maior entusiasmo, ao ensino e à investigação destas matérias na Faculdade de Ciências do Porto. A cadeira de Antropologia começou a funcionar ali em 1912 e, simultaneamente, os novos Museu e Laboratório Antropológicos que, mais tarde, por decreto de 29 de Dezembro de 1923 e por portaria de 21 de Janeiro de 1931, foram, com inteira justiça, considerados um